

# O ensino na França

Lenildo Tabosa Pessoa

O ministro da Educação do governo socialista francês, Jacques Chevenement, elaborou um plano de reforma do ensino que tem como principal objetivo fazer com que as escolas voltem a ser locais de ensino. O plano pode parecer, à primeira vista, no mínimo supérfluo, uma vez que as escolas, por definição, deveriam sempre ter sido e continuado a ser estabelecimentos de ensino. Acontece, entretanto, que, como ocorreu na Itália e no Brasil, também na França o ensino sofreu os efeitos devastadores de métodos pedagógicos modernos, com o resultado de que, no país que já foi considerado um dos berços da cultura, ao terminar o curso elementar, uma criança em cada três sabe apenas ler e escrever e, mesmo assim, mal e mal.

Na Itália já começou uma reação contra essa situação. Na França, o ministro Chevenement dá um corajoso passo nesse sentido. Seria o caso de o novo presidente brasileiro, ao tomar posse, apesar de ter de enfrentar inúmeros outros problemas urgentes e difíceis, voltar sua atenção também para esse setor, de importância fundamental para os destinos do País.

O legado da Revolução de 1964, no campo do ensino, é trágico. A desastrosa passagem do ministro Passarinho pelo Ministério da Educação, com a promoção de reformas ornitológicas nas escolas e nas universidades, agravou e aprofundou uma tendência que já vinha de governos anteriores, contribuindo para que o nível do ensino baixasse assustadoramente.

Promoveu-se uma democratização totalmente demagógica e errada do ensino superior, pondo, nas mãos dos jovens que saem das escolas secundárias, o que lhes parece, a princípio, um grande presente, mas vem a se revelar, depois, uma bomba de efeito retardado, mas nem por isso menos destrutivo. Não se democratizaram as escolas superiores como seria certo, abrindo-as a filhos de todas as classes, independentemente de seus recursos econômicos, desde que dispusessem de recursos intelectuais. Pelo contrário, decretou-se a dispensa justamente dos recursos intelectuais e se abriu o acesso aos bancos universitários a qualquer analfabeto, rico ou pobre, que tenha um pouco de habilidade para evitar, em exames vestibulares transformados em loteria esportiva, o zero absoluto.

O resultado é que, hoje, todos têm diplomas, mas os diplomas, inflacionados, já nada valem e os doutores, muito freqüentemente sujeitos a duras recaídas em um analfabetismo tratado às pressas e malcurado, vão procurar empregos em áreas que nada têm que ver com sua especialidade. Aliás, a idéia errada, mas amplamente difundida, de que todos têm de ter um diploma superior começa a produzir suas anomalias desde a época dos vestibulares, quando os candidatos se inscrevem não de acordo com uma vocação, mas com a cotação das faculdades no mercado da concorrência e ainda fazem uma série de opções, esperando, se não conseguirem a milhar nem a centena, pelo menos fazer algum pequeno lucro com a simples dezena.

Assim, um infeliz que teria todas as aptidões para ser próspero e bem-sucedido dedicando-se à agricultura candidata-se a dentista, mas, por força das opções, termina como meteorologista, enquanto uma autêntica vocação para a física nuclear consegue diploma como médico. No fim, o paciente do frustrado médico é despachado para o cemitério debaixo de um temporal, em um dia para o qual o optante meteorologista tinha previsto tempo ótimo.

Centenas de faculdades de comunicação estão anual ou semestralmente lançando em um mercado saturado e estático milhares de novos jornalistas, alguns que sabem até ler e escrever,

sem lhes oferecer nenhuma outra perspectiva além da de integrarem uma massa de desempregados prontos a descobrir no extremismo do PT um remédio para suas incuráveis frustrações.

Muito terá de fazer o presidente Tancredo Neves, se tiver coragem e disposição para despassarinhar o ensino. Mas não será uma tarefa fácil, mesmo porque, em se tratando de um setor no qual é plasmada e formada a mente da criança e do jovem, o que equivale a dizer da adulta elite pensante de amanhã, há interesses ideológicos empenhados em assegurar a perpetuação do obscurantismo intelectual e cultural disfarçado sob a ilusória pintura de uma falsa ciência. O semi-analfabeto convencido da própria intelectualidade é uma vocação inata para teórico marxista, especialmente no mundo culturalmente subdesenvolvido.

É curioso, sob o ponto de vista da contaminação ideológica que impede muitas pessoas de julgar qualquer acontecimento com imparcialidade e independência, observar a reação de certos intelectuais franceses à iniciativa do ministro da Educação. Reconhecem esses intelectuais os efeitos desastrosos dos métodos pedagógicos modernos, mas não resistem à tentação de criticar o ministro, acusando-o de querer reconduzir o ensino a 30 ou até a 50 anos atrás, destruindo todos os sonhos nascidos da rebelião esquerdista e libertária.

A acusação é implacável: "O projeto de Jacques Chevenement, ele mesmo filho de professor, é muito claro: designa certas tarefas imperativas à escola primária, que são ensinar as crianças a ler, escrever e contar. Restabelece a hierarquia, os controles, a lição de casa e os exercícios em classe. Atira às urtigas tudo o que é método novo".

A grande e genial descoberta desse método novo é a de que a escola deve transformar-se num local cheio de liberdade e de alegria. Seus inventores partem da convicção de que cada criança é "uma maquininha cheia de inteligência, de dons, de imaginação", desde que essas virtudes não sejam "afogadas por um professor severo, rigoroso e poeirento".

É a mesma mentalidade de certas jovens proprietárias e diretoras de escolas infantis de São Paulo, mais arrogantes do que preparadas, que acreditam ser moderninhas ou estar aplicando os mais revolucionários métodos pedagógicos deixando que as crianças assistam às aulas se quiserem, ou fiquem deitadas no chão, na classe ou pelos corredores, sem nenhum respeito pelos colegas ou pelas outras pessoas que as cercam, ou que, em reuniões com os pais, proferem, com ares de profunda sapiência, uma imbecilidade como esta: "Nós preparamos a criança para um mundo em mudança!"

O método talvez fosse ótimo se a criança fosse realmente uma maquininha, necessitada, quando muito, de uma lubrificação ou de um ajuste de seus transistores. Acontece, porém, que ela não é. É, pelo contrário, um espírito necessitado de formação e orientação, que, educada pelos métodos mais modernos, tem grande possibilidade de vir a ser, amanhã, uma frustrada, não encontrando, em seu ambiente de trabalho nem em sua convivência social, pessoas tão imbecis quanto suas mestras, dispostas a tolerar seus caprichos, como o de deitar no chão ou o de querer impor, a todo custo, a sua vontade.

Jacques Chevenement, ministro de um governo socialista, teve a coragem de vencer a sede de modernidade de seu próprio ambiente ideológico e é acusado de pretender fazer a escola retroceder meio século. Na realidade, ele pretende apenas que a escola volte a ser escola e que as crianças que saiam de seus bancos, em vez de papaguear dogmas de uma ideologia superada, saibam ler, escrever e contar.